

## CONVERSAS COM O ACERVO DO MAV

### Luise Weiss

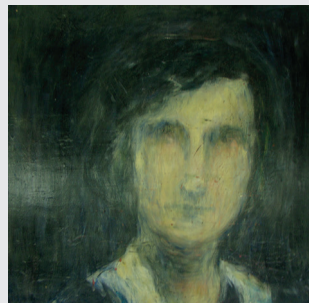
Quando pensamos no trabalho de Luise, pensamos no tempo. Esse, para mim e para muitos, é um dos temas principais de seu trabalho. Quando falamos do tempo, fatalmente falamos da memória. A primeira memória que tenho de Luise é mostrando desenhos na sala de aula do mestre que compartilhamos, e que é um dos pontos-chaves que temos em comum: Evandro Carlos Jardim.

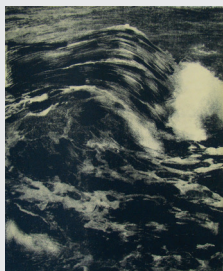
Essa curadoria se iniciou pela seleção das obras em diálogo com esse espaço. Antes de saber mais sobre elas, sobre a vida e o contexto em que elas foram produzidas contemplei, deixei que elas me falassem. Que a poética se manifestasse e fiquei surpresa com a rapidez que essa poética se manifestou. Ela vem sem pedir licença e vai fundo, mexendo com a gente.

Fazer essa curadoria é um privilégio que agradeço à diretora do MAV, Ana Angélica Albano por me convidar e à Luise por me provocar.

A experiência estética com seu trabalho foi a porta de entrada, inclusive o principal critério de seleção das várias obras que pertencem ao acervo do MAV, entre gravuras, fotografias e pinturas.

Algumas das gravuras eram provas de estado o que me remeteu aos estados da alma e aos estados da memória. As provas de estado para o gravador marcam a passagem do tempo, do trabalho sobre a matriz. Aristóteles nos fala que "O homem é uma possibilidade humana". A cada momento de sua existência o homem é aquilo que pode ser até então. As provas de estado são possibilidades desse vir a ser. Da ação do artista sobre a matriz em busca da imagem. No caso da xilogravura, a imagem emerge do negro e com o trabalho do artista sobre a matéria, vem à luz. A cada nova ação sobre a matriz um outro estado





se revela. E um dos aspectos mais recorrentes em seu trabalho é considerar as provas de estado e nos revelar o processo de sua busca.

Podemos dizer que o trabalho de Luise revela estados da alma, contatos com memórias ora embaçadas ora mais nítidas, que atravessam as camadas e chegam à superfície. São imagens sobreviventes que emergem do tempo, das águas profundas, das manchas, dos veios da madeira, atingindo a nossa alma.

Suas gravuras e pinturas nos levam a um tempo em suspensão em que não se ouve o tic e tac do relógio e a um espaço que não se mede com uma fita métrica. As linhas de luz que configuram suas imagens se fazem e se desfazem, ora destacando e ora se fundindo com o espaço entorno.

Luise trabalha no tempo e com o tempo. Com a passagem desse homem através do tempo e com a passagem de outros homens em nosso tempo. Somos atravessados por histórias de vidas de outras pessoas que nos constituíram, sendo elas conhecidas ou não. Pessoas anônimas, parentes e amigos.



Luise nos fala de vidas que vieram de países distantes, pessoas que largaram sua terra natal não por opção, mas condicionadas pelas circunstâncias adversas das guerras, que atravessaram o oceano, não com o conforto que hoje experimentamos, atravessaram mares e correram riscos, muitos riscos com a intenção de transformarem suas vidas.

A travessia como metáfora da transitoriedade da vida. Somos seres de passagem.

A pesquisa está na gênese deste trabalho. Ele se inicia com a investigação de um vasto material fotográfico, objetos e registros de seus familiares próximos e distantes no tempo e no espaço. Ao investigar a história da família vai ao encontro de muitos outros com vidas semelhantes. Pessoas desconhecidas que vieram do leste europeu, e hoje chegam até ela através de fotografias, pessoas que posaram para fotos sabe-se lá com qual intenção e finalidade, e uma vez retratadas, se tornaram presenças de ausências, que continuam reverberando no tempo.

O trabalho de Luise vem para nos transformar. Navegamos em mares escuros turbulentos, que nos tiram da zona de conforto. Seus navios enfrentam as águas distantes, atravessam tempestades, imersos na noite, alguns sem perspectiva de terra, outros atracando, outros partindo. Indo ou vindo, tanto faz. Porque aqueles que deixam a cidade natal, mesmo partindo, sempre estão voltando, nem que seja pela memória.

A busca por um novo porto seguro sempre guarda a dor e a nostalgia do que ficou para trás. Pode-se dizer que é quase como viver no espaço entre lá e cá e o mar é esse lugar. Por essa razão a porta de entrada da exposição é pelo mar, pelas águas turbulentas.

Bachelard nos fala que cada elemento material tem sua dialética, no caso da água ela se manifesta na superfície e na profundidade, na consciência e na inconsciência, no visível e no invisível. Luise traz para a visibilidade imagens que estavam imersas na invisibilidade.

A pesquisa de Luise se dá também com os materiais ao explorar técnicas diversas, como a xilo, a lito, o metal, a fotografia, a pintura e objetos. Suas imagens transitam de um suporte para outro com a mesma intenção poética.

Na gravura os estados se revelam por subtração da matéria, na pintura por adição da matéria. Mas tanto na gravura como na pintura a luz vem de dentro, atravessando as camadas sobrepostas. Cores se insinuam entre os brancos e pretos. Na gravura Luise cava e grava a memória, na pintura Luise vela e revela, ao sobrepor as camadas de tinta sobrepõe os estados da alma e da vida.

Para encerrar uma poesia.





Neste mundo em que esquecemos  
Somos sombras de quem somos,  
E os gestos reais que temos,  
No outro, em que, almas, vivemos,  
São aqui esgares e assomos.

Tudo é noturno e confuso  
No que entre nós aqui há.  
Projeções, fumo difuso  
Do lume que brilha ocluso  
Ao olhar que a vida dá.

Mas um ou outro, um momento,  
Olhando bem, pode ver  
Na sombra e seu movimento  
Qual no outro mundo é o intento  
Do gesto que o faz viver.

E então encontra o sentido  
Do que aqui está a esgarar,  
E volve ao seu corpo ido,  
Imaginado e entendido,  
A intuição de um olhar.  
Sombra do corpo saudosa,  
Mentira que sente o laço  
Que a liga à maravilhosa  
Verdade que a lança, ansiosa,  
No chão do tempo e do espaço.

Obra Poética - Fernando Pessoa  
Poemas Ocultistas - 09/05/1934

CARU DUPRAT

*Curadora, artista plástica, professora doutora da  
Faculdade de Artes Plásticas e Coordenadora do curso de  
pós-graduação em História da Arte da FAAP.*

Outubro de 2016



*Luise Weiss* é artista plástica e professora titular de Desenho e Gravura no Instituto de Artes da UNICAMP, na graduação e pós-graduação orientando mestrados e doutorados em poéticas visuais. cursou Artes Plásticas na ECA (1977), onde também concluiu o mestrado em Comunicações e Artes (1992) e o doutorado em Poéticas Visuais (1998). Em 2006 realizou a livre docência na UNICAMP com o trabalho intitulado: Saga: uma trajetória Realiza exposições nacionais e internacionais com destaque para a individual realizada no MASP - Passagens e Memórias em 2010. Suas obras integram acervos de vários museus, entre eles Pinacoteca do Estado de São Paulo, MAM, MAC, MAB, MAV. Produz ilustrações e projetos gráficos, além de livros de artista e livros-objetos. Publicou um livro pela Imprensa Oficial intitulado "No Mar..." (2012) reunindo gravuras, fotografias e pinturas.